

# Baker: bancos devem aceitar novas idéias para reduzir ônus da dívida

por Alexander Nicol  
do Financial Times

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, fez ontem, em Miami, uma vigorosa tentativa de combater o ceticismo sobre o sucesso do plano que lançou em 1985 — em Seul, o Plano Baker — para estimular o crescimento econômico nos países em desenvolvimento muito endividados.

Em discurso proferido na reunião anual do Banco de Desenvolvimento Interamericano (BID) a instituição multilateral de financiamento para a América Latina, Baker declarou: "Acredito que esse programa é a única solução que oferece esperança e poderá funcionar a longo prazo".

O recente anúncio da moratória de pagamento de dívida pelo Brasil e o lento ritmo de negociações com outros devedores provocaram receios de que o Plano Baker não estava atenuando a crise da dívida de quatro anos e meio.

O plano busca canalizar uma substancial quantidade de novos créditos aos países devedores que realizam ajustamentos de política econômica orientando-as para o mercado, a fim de promover a expansão.

Baker disse que ficou animado com o progresso obtido até agora. Citou o exemplo do programa antiinflação e planos para converter a dívida em ações nas Filipinas e no Chile.

Os bancos comerciais deveriam abrir-se a idéias criativas para diminuir o ônus de dívida, mas "estou confiante de que os bancos concederão substancial volume de novos empréstimos aos principais devedores em 1987".

As economias dos principais devedores latino-americanos deverão crescer em média 3,5% neste ano, o ritmo mais veloz desde 1980. A expansão econômica pelo menos se igualou ao crescimento da dívida em nove dos quinze principais devedores desde 1983, afirmou.

Reconhecendo que o progresso adicional será gradativo e penoso, Baker disse: "Também reconhecemos que o progresso variará de nação para nação, dependendo da disposição de implementar opções políticas econômicas que possam atrair o capital e fornecer oportunidades".

Ele não se referiu ao Brasil, cujos problemas econômicos e de dívida pairam sobre a reunião das autoridades dos 44 países membros do BID, inclusive nações latinas e industrializadas, bem como as centenas de banqueiros privados que tradicionalmente também participam do encontro. (Ver matéria ao lado).

O Brasil conseguiu um pequeno avanço nas conversações com os principais bancos credores durante a reunião de Miami. (Ver páginas 1ª e 27.)

Segundo Baker, houve progresso na negociação da reforma estrutural do próprio BID. As modificações dariam aos países industrializados, e especialmente aos Estados Unidos, maior participação na decisão sobre financiamentos da instituição e abririam o caminho para a recomposição dos recursos do banco.

(Baker ofereceu um aumento de 75% para o período de 1987-90, ou US\$ 9 bilhões, como subscrição norte-americana para o capital do banco, o que possibilitaria ao BID conceder empréstimos de cerca de US\$ 5 bilhões ao ano durante os próximos quatro anos. Atualmente, o BID empresta cerca de US\$ 3 bilhões a cada doze meses. Segundo Baker, se a sétima reposição se fizer de acordo com os desejos de Washington, o BID "poderia duplicar seu atual volume de empréstimos".)

Sua observação serviu para fortalecer a crença de que uma posição conciliatória sobre a questão, que dividiu os Estados Unidos e outros membros, inclusive a Inglaterra e a Alemanha Ocidental, está sendo elaborada silenciosamente e será aprovada quando a questão for discutida formalmente em junho.

## DIREITO DE VETO

Os Estados Unidos vêm exigindo que cada decisão de empréstimo seja baseada em uma votação por maioria de 65%, dando-lhes o direito a veto desde que consigam o apoio de um outro membro. Outros países estão dispostos a aceitar uma votação por maioria de 60%, significando que os Estados Unidos teriam de convencer dois outros membros a acompanhar o seu veto.

Baker disse ontem apenas que os Estados Unidos estavam solicitando que as decisões de empréstimo exijam "a aprovação por maioria acima da maioria simples".

Os Estados Unidos estão prometendo apoiar um aumento substancial dos financiamentos do BID se conseguirem impor sua vontade. Caso contrário, acrescentou Baker, o BID "poderá continuar a emprestar quantias modestas e exercer um papel reduzido na promoção do crescimento na região". Qualquer aumento de financiamento à América Latina, segundo ele, teria de vir do Banco Mundial (BIRD) ou de outras fontes.

Baker reiterou a oposição do governo Reagan ao alívio da dívida. Vários planos radicais para resolver a crise de dívida estão agora em discussão no Congresso norte-americano e a moratória do Brasil provocou temores de outra ação unilateral pelos devedores.

## DÍVIDA EXTERNA